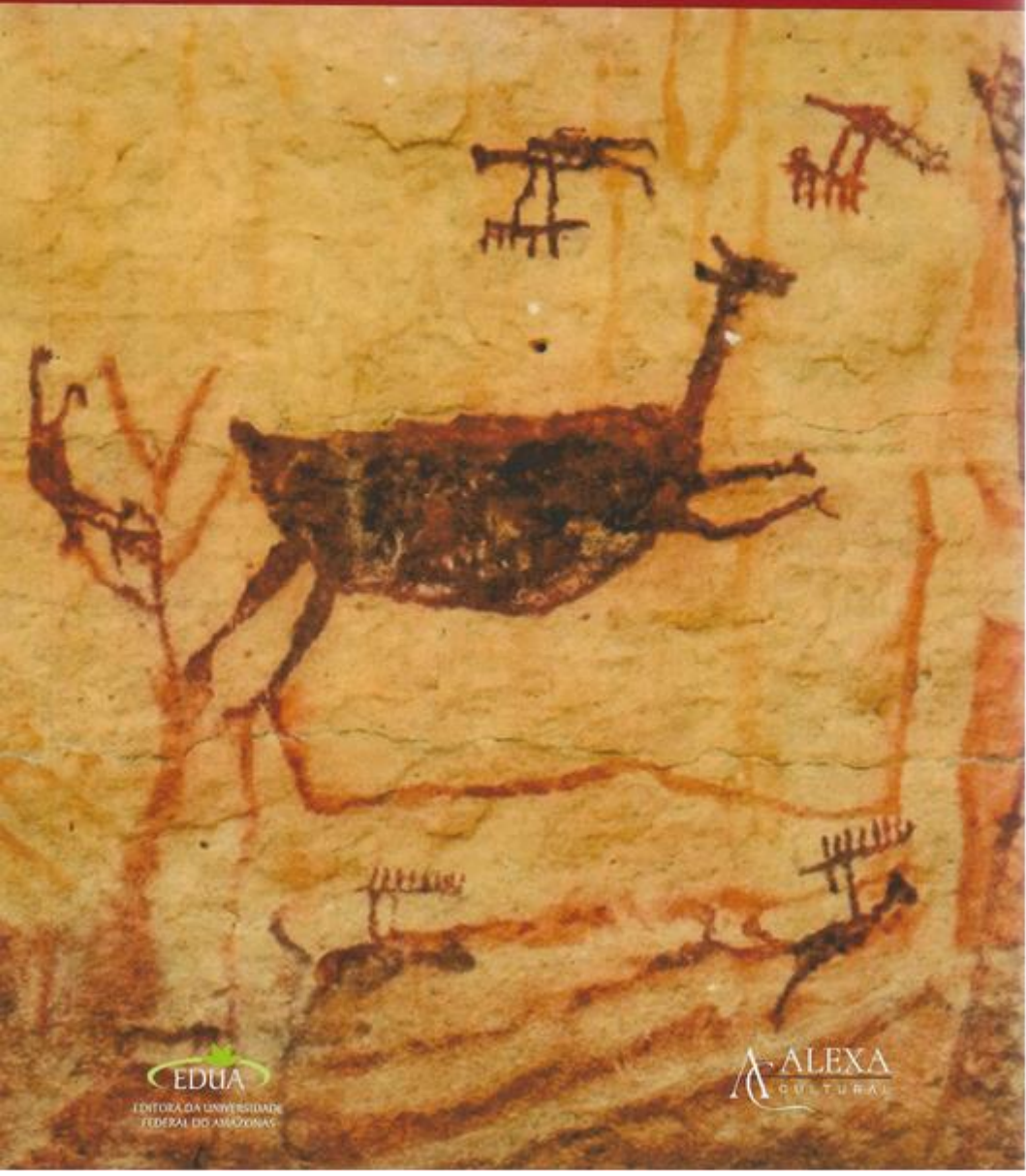
ARTE RUPESTRE BRASILEIRA

múltiplas visões

Volume 3

Gabriel F. de Oliveira
Leandro Paiva
Marcial Cotes
Michel Justamand
Vitor José Rampaneli de Almeida
orgs.



EDUA
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

ALEXA CULTURAL

Gabriel F. de Oliveira
Leandro Paiva
Marcial Cotes
Michel Justamand
Vitor José Rampaneli de Almeida
Organizadores

ARTE RUPESTRE BRASILEIRA

MÚLTIPLAS VISÕES

VOLUME 3

UFAM

ALEXA CULTURAL

EDUA
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Embu das Artes - SP
2025

© by Alexa Cultural / EDUA

Direção
Gladys Corcione Amaro Langermans
Nathasha Amaro Langermans
Editor
Karel Langermans
Capa
Fabíola Rosa
Revisão Técnica
Gabriel F. de Oliveira, Leandro Paiva, Marcial Cotes, Michel Justamand e Vitor José Rampaneli de Almeida
Revisão de Língua Portuguesa
Vânia Cristina Cantuário de Andrade
Editoração Eletrônica
Alexa Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A716 Arte rupestre brasileira: múltiplas visões - Volume 3 / Organizadores Gabriel F. de Oliveira... [et al.]. – Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: EDUA, 2025.

248p. : il. ; 16 x 23 cm

Inclui bibliografia
ISBN - 978-85-5467-649-0

1. Arqueologia – Brasil. 2. Pinturas rupestres – Brasil. I. Oliveira, Gabriel F. de. II. Paiva, Leandro.III. Cotes, Marcial. IV. Justamand, Michel. V. Almeida, Vitor José Rampaneli de. VII. Título. VIII. Sumário

CDD 709.0113

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Índices para catálogo sistemático:
1. Arqueologia
2. Arte Rupestre
3. História da Arte

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610
Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da editora e dos organizadores

Alexa Cultural Ltda
Rua Henrique Franchini, 256
Embú das Artes/SP - CEP: 06844-140
alexa@alexacultural.com.br
alexacultural@terra.com.br
www.alexacultural.com.br
www.alexaloja.com

Editora da Universidade Federal do Amazonas
Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos,
n. 6200 - Coroado I, Manaus/AM
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho,
Centro de Convivência – Setor Norte
Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290
E-mail: ufam.editora@gmail.com

SUMÁRIO

PREFÁCIO
Fernanda Libório Ribeiro Simões
- 9 -

APRESENTAÇÃO
AMPLIANDO AS VISÕES SOBRE AS ARTES RUPESTRES BRASILEIRAS
Gabriel Frechiani de Oliveira, Leandro Paiva, Marcial Cotes, Michel Justamand e Vitor José Rampaneli de Almeida
- 13 -

ORATÓRIO DE NOSSA SENHORA DOS TAMOQUIM NA GROTA DO CORRENTE,
EM SOBRADINHO – BA
Celito Kestering
- 17 -

EXPLORANDO OS SÍTIOS DE ARTE RUPESTRE DA REGIÃO DE UMBURANAS, NORTE DA BAHIA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR E SUA CONTRIBUIÇÃO À ARQUEOLOGIA BAIANA
Daniel Luna Machado, Sebastião Lacerda de Lima Filho, Bianca Araújo Freires, Leonardo de Morais Borges, João Moreira Cavalcante Neto, Luciana Ribeiro, Rafael Alves Nascimento, Renata Dantas dos Santos, João Nilo de Souza Nobre, Marcos Tadeu Ellery Frota, Allysson Allan de Farias e Manoel Odorico de Moraes Filho
- 43 -

OS REGISTROS RUPESTRES DO MUNICÍPIO DE SÃO BRAZ DO PIAUÍ – PI: IDENTIFICAÇÃO DO PERFIL GRÁFICO DAS PINTURAS RUPESTRES
Edna da Mota Santos, Mauro Alexandre Farias Fontes, Nina Rosa Pereira Ledoux, Vitor José Rampaneli de Almeida, Gabriel Frechiani de Oliveira, Michel Justamand, Ana Cristina Alves Balbino, Marcial Cotes e Leandro Paiva
- 67 -

ARQUEOASTRONOMIA NA PARAÍBA:
HISTÓRIA, PESQUISAS E EVIDÊNCIAS VIA ARTE RUPESTRE
Felipe Sérvulo Maciel Costa
- 87 -

ARTE RUPESTRE & EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO AMAZONAS:
DO CHIRIBIQUETE À SERRA DA CAPIVARA
Leandro Paiva, Geny Bezerra Cordeiro e Renata Rafachinho
- 113 -

"PÉS DE EMA... PÉS DE GALINHA" – OS TRIDÁCTILOS NA ARTE RUPESTRE DO NORTE DO ESTADO DO PIAUÍ E DO SERTÃO DO CEARÁ – BRASIL
Francisco Gerson Amorim de Meneses, Marcélia Marques, César Ulisses Vieira Veríssimo e Jefferson Lima dos Santos
- 125 -

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOITA DOS PORCOS COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM EM CAETITÉ – BA
Maria Aparecida Silva Costa, Edelaine Nobre da Silva e Antoniel Neves Cruz
- 147 -

CAÇA ANCESTRAL: ARREMESSANDO, CERCANDO E SEGURANDO NAS PINTURAS RUPESTRES DO PNSC – PI
Michel Justamand, Ana Cristina Alves Balbino, Leandro Paiva, Mauro Alexandre Farias Fontes, Vanessa da Silva Belarmino, Marcial Cotes, Gabriel F. de Oliveira, Vitor José Rampaneli de Almeida, Albérico Nogueira de Queiroz, Olivia Alexandre de Carvalho e Pedro Paulo A. Funari
- 161 -

O OCULTAMENTO DE IMAGENS ERÓTICAS NA HISTÓRIA DA ARTE: UMA INVESTIGAÇÃO INSPIRADA NAS PINTURAS RUPESTRES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO BRASILEIRO DA SERRA DA CAPIVARA
Paulo Masella
- 187 -

ARTE RUPESTRE NO ESTADO DE RORAIMA: ALGUNS SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA UMA ARTE-EDUCAÇÃO ETICAMENTE CRÍTICA
Walace Rodrigues
- 207 -

PINTURAS RUPESTRES ZOOMÓRFICAS EM PALESTINA DE GOIÁS - BRASIL: COTIDIANO E SIMBOLISMO DOS GRUPOS PRÉ-COLONIAIS
Willian Pereira Leal
- 219 -

SOBRE OS/AS AUTORES/AS
- 225 -

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTE RUPESTRE (ABAR)
- 237 -

SUGESTÕES DE LEITURA
- 239 -

ORATÓRIO DE NOSSA SENHORA DOS TAMOQUIM NA GROTA DO CORRENTE, EM SOBRADINHO - BA

Celito Kestering

1 INTRODUÇÃO

Na região de Sobradinho - BA existem muitos brejos. Vários deles têm as terras ainda hoje cultivadas por famílias de agricultores e criadores de ancestralidade indígena. O Boqueirão do Riacho São Gonçalo, outrora reconhecido como Grota do Corrente, é um desses lugares paradisíacos[1]. Ele tem um olho d'água que mantém permanente amplo trecho do riacho onde, como nos tempos antigos, cultivam-se algumas plantas permanentes e outras mais, de ciclo curto.

Junto à entrada norte daquela feição de relevo vivem famílias de agricultores e criadores cujos semblantes, crenças e práticas culturais comprovam terem, de fato, as raízes indígenas que afirmam possuir. Para elas aquela grota é lugar sagrado, onde creem morarem os espíritos de seus ancestrais encantados. Para compartilhar fragmentos da memória deles, reúnem-se periodicamente e celebram o ritual do Toré, oportunidade em que cantam hinos do catolicismo tridentino que, em séculos passados, seus avoengos aprenderam a entoar nas missões de São Gonçalo do Salitre, Nossa Senhora das Grotas, Ilha do Pontal e na Freguesia de São José da Barra de Sento Sé. Dizem que, em tempos nem tão remotos, bisavós, trisavós e tetravós deles realizavam-no junto às escarpas alcantiladas de arenito silicificado da Chapada Diamantina, Formação Tombador. Naquele espaço são compactos os sedimentos de areia fina quartzosa e escassa é a vegetação.

> Quando o ambiente está devidamente purificado, após horas de cantos e danças, com fortuitos intervalos para consumo de jurema, aproxima-se o espírito ancestral. Apossa-se do corpo de um dos dançarinos, faz recomendações e receita remédios a pessoas portadoras de males desconhecidos pela medicina oficial. Para ouvir as recomendações do espírito, todos silenciam. A ele fazem ofertas [**ex-votos**], em agradecimento por curas de enfermidades, graças alcançadas e orientações de resultados quase sempre positivos. (KESTERING, 2001, p. 50).

A uma das dançarinas, a memorável Adilina de Carvalho, no final do Século XX, revelaram-se flashes da memória de José Ribeiro. Muito embora nada soubesse quem teria sido esse personagem, em transe a bailadora relatou que a representação de um braço, feita em um dos painéis rupestres

[1] No Nordeste do Brasil conhecem-se as aberturas ou gargantas lineares estreitas, abertas pela ação erosiva de rios atuais ou pretéritos sobre maciços rochosos, como boqueirões. As depressões côncavas resultantes do recuo de contrafortes das encostas alcantiladas caracterizam-se como grotas. No Submédio São Francisco, as comunidades tradicionais se referem a ambas como grotas.

do Sítio São Gonçalo 9, também conhecido como Pedra dos Macacos, teria sido realizada por ordem dele, em agradecimento por miraculosa graça alcançada.

Por ter-se revelado no extramuro das academias, à deriva dos fundamentos teóricos e preceitos metodológicos da ciência positivista, questionava-se se teria consistência epistemológica aquele conhecimento de origem essencialmente popular.

2 AS GROTAS DOS ENCANTOS ANCESTRAIS

É notório que, por habituarem-se à vida livre, os grupos nativos do Nordeste do Brasil, a quem os colonizadores escravagistas se referiam como **negros da terra**, resistiram bravamente ao modelo de sociedade estribada em princípios religiosos impostos pelos mineradores, colonos, fazendeiros e missionários. Nos séculos XVI e XVII, quando se inaugurava a irrestrita obrigação deles ao trabalho escravo, manifestava-se veementemente a corajosa resistência dos grupos autóctones ao monopólio da religião de cunho escravista. A manifestação mais notável dessa resistência ocorria nos brejos e nas grotas dos sertões semiáridos, pelo fato de ali serem eles menos numerosos e viverem longe dos centros de povoamento intensivo e traumático do litoral.

Além da distância geográfica do sertão em relação à costa, contribuía muito em favor da resiliência nativa, o costume que os grupos tinham, de fazer roças no entorno dos brejos, adjunto às **grotas**. A relativa distância desses lugares em relação às vilas e aos povoados, normalmente justafluviais, onde se exercia maior controle sobre suas vidas, fazia com que esses nichos ambientais servissem como refúgio político, econômico, cultural e, sobretudo, espiritual[2].

> Ali, sem a presença física e simbólica de autoridades e instituições coloniais, realizavam um sem-número de práticas consideradas pelos luso-brasileiros como evidências de vadiagem, superstição e selvageria, pois em tudo se distanciavam das ideias de trabalho sistemático, produção mercantil, sociedade civil e civilidade cristã que a política indigenista vigente tentava impor aos grupos indígenas. No entanto, mais que um lugar anticolonial, como pareciam compreender a alguns colonos, esses sítios e roças eram lugares que, embora subvertessem temporariamente a ordem daquela sociedade, serviam também para o seu fortalecimento à medida que permitiam a construção de novos laços de sociabilidade entre vários sujeitos, a formação de uma cultura mestiça enraizada em vários códigos, signos e linguagens e a produção dos limites de tolerância do próprio sistema de dominação vigente. (CANCELA, 2012, p. 237).

As áreas mais adequadas para os nativos expressarem livremente seus costumes eram, assim, as **grotas**, junto a olhos d'água ou às margens de pequenos rios, sertão adentro, a léguas das sedes das pioneiras fazendas e das

[2] As autoridades civis e religiosas entendiam necessária a localização das aldeias missioneiras próximo aos grandes cursos de água porque "destarte, os índios teriam onde pescar e plantar, facilitando sua adaptação à nova realidade". (ARRAES, 2012, p. 166).

povoações civilizatórias colonialistas ribeirinhas. Lá, com sua parentela mais afim, eles se instalavam em rústicas choupanas de palha, com toscas ferramentas e carcomidos apetrechos domésticos. Naqueles nichos ambientais, culturais e espirituais, gozavam de grande autonomia e liberdade[3].

> Os sítios e roças haviam se transformado em uma espécie de retiro espiritual, onde os índios realizavam suas festas e rituais, sem o incômodo da repressão colonial. Nesses encontros, executavam práticas mágico-curativas, movidas por danças, bebidas, pinturas e sons. Ao que tudo indica, mais que uma reunião familiar, esses momentos transformavam as roças e os sítios em verdadeiros templos a céu aberto, que agregavam em sua volta um número significativo de crentes, curiosos e líderes espirituais, permitindo não somente a transmissão dos códigos, signos e linguagens de uma cosmologia identificada como indígena, mas também o restabelecimento de uma atmosfera simbólica que tornava possível a própria existência daqueles indivíduos, no violento e contraditório mundo colonial. (TRINDADE, 1803 *apud* CANCELA, 2012, p. 238).

No sertão nordestino semiárido vivia-se, assim, em relativa discordância da Cristandade ortodoxa que pelo sistema do Padroado, com grande celeridade estava-se a implantar em todo o litoral pindorâmico e, com extremo radicalismo, nas plagas sulistas e sudestinas. Considerava-se, por isso, o Semiárido nordestino um lugar periférico, ermo, onde os indígenas permaneciam incivilizados, arredios à religião e ao colonialismo dos centros litorâneos. Fora do alcance das autoridades religiosas e curraleiras, deles se dizia viverem sem rei e sem lei.

> Há indícios de que o trabalho missionário não foi tão eficiente como podia se esperar, pois no final do século XVII (1689), os missionários e as autoridades se queixam de que "muitos tapuias, 'daqueles da Silva (...) continuavam com os antigos ritos, sem se doutrinarem" (...) "Ao mesmo tempo [que] vão às missas, continuam idolatrando e usando seus 'gentílicos ritos', voltando "para seus costumes antigos", sem administração dos padres (...). (PORTALEGRE *et al*. 1994, p. 121, 160, 164 e 169 *apud* CAVIGNAC, 2003, p. 17-18).

O Boqueirão do Riacho São Gonçalo, originalmente conhecido como **Grota do Corrente**, era um desses lugares sagrados dos indígenas sertanejos. Durante milênios, neles se realizavam ritos entre os quais, para exemplificar, citam-se as práticas mnemônicas (marcadores de memória) que resultaram na produção da refinada arte rupestre, pré-histórica e histórica, que se preserva em 32 sítios arqueológicos que nela já se identificaram.

2.1 A Grota do Corrente e o Sítio do Saco do Meio

Um velho caminho entre a antiga sede da Fazenda São Gonçalo, implantada junto ao olho d'água da Grota do Corrente, e o Sítio do Saco do Meio evidencia

[3] "De todo [os índios] não perdem os costumes bárbaros porque quando se juntam nos retiros onde têm as roças celebram certos dias as suas superstições com as suas danças e tupilhos chamados vanhú, pintados de jenipapo e tintas roxas (...). E quanto as índias mais velhas, viviam na mesma brutalidade, usando as roças das cachoeiras, nuas da cintura para cima e conservando algumas superstições antigas, curando os doentes das enfermidades a que chamam mal da caipora e mal da lua". (TRINDADE, 1803 *apud* CANCELA, 2012, p. 238).

atávica ligação daquela sagrada feição de relevo dos espíritos ancestrais com os moradores do antigo povoado ribeirinho. No seio daquela grota e no entorno do brejo eram abundantes os animais silvestres e férteis os húmicos solos, perenemente úmidos. Era aquela grota, destarte, o celeiro perdurável de alimento para eles e, circunstancialmente, aos moradores de outros núcleos familiares justafluviais, desde períodos remotos da pré-história regional. (Fig. 1). Quando as condições se mostravam favoráveis junto ao Rio São Francisco, viviam da pesca e cultivavam solos aluviais de lameiro. Desfavoráveis as circunstâncias ribeirinhas, eles migravam sazonalmente para aquele brejo. Adjunto a ele, caçavam, ritualizavam memórias ancestrais e cultivavam pequenas caiçaras. (Fig. 2).

Figura 1 – Boqueirão do Riacho São Gonçalo ou Grota do Corrente



Fonte: Kestering (2001, p. 58)

Figura 2 – Lugar de ocupação humana contínua, à jusante da grota



Fonte: Kestering (2014, p. 59)

> O termo [brejo] designa somente aqueles terrenos nos quais os rios se conservam mais ou menos permanentes e onde, por isso, a agricultura se desenvolve mais cedo. Os brejos se assemelham a uma espécie de "oásis",

> lugares favoráveis à fixação do homem em terras áridas e agrestes, assim como sucedeu, em 1697, no brejo localizado entre as fazendas São Francisco Xavier e Barra da futura capitania do Piauí. Ali, o capitão-mor dos paulistas, Francisco Dias de Siqueira, erigiu uma povoação de índios que tirava sua subsistência do cultivo da mandioca, arroz, milho, feijão, bananas e batatas. Tudo se dava com grande abundância, mostrando a fertilidade da terra. (LÖFGREN, 1923, p. 26; ENNES, 1938, p. 379 *apud* ARRAES, 2017, p. 68).

O tradicional padrão comportamental, essencialmente nativo, estendeu-se ao longo dos tempos, desde a pré-história até o amanhecer da década de 1970, quando se iniciou a edificação da Barragem de Sobradinho e exigiu-se a relocação das famílias ribeirinhas do Saco do Meio, para os altiplanos e antigos terraços fluviais adjacentes. Em coletas de superfície e sondagens que, em 2007 e 2014, se realizaram à jusante do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, antiga Grota do Corrente, constatou-se ocupação humana contínua daquele espaço, desde o início do Holoceno, há aproximadamente nove mil anos, até os dias atuais. Nele se encontraram muitos artefatos líticos, fragmentos de cerâmica, louça e metal.

2.2 O Processo Civilizatório e a Grota do Corrente

Em 1646, Garcia d'Ávila II e seu tio, o Padre Antônio Pereira, requisitaram à Coroa Portuguesa, a doação oficial de "uma terra sita no Rio de São Francisco, na parte onde chamam as aldeias dos Rodelas". (FONSECA, 1996, p. 25). Com o consentimento de Francisco Pereira, destemido guerreiro nativo Rodela, por conta e risco deles próprios, desde 1641, já estavam a ocupá-las, com a criação extensiva de gado *vacum*, equídeos, asininos e miunça animália ungulada diversificada[4]. Argumentavam, então, já haverem despendido mais de dois mil cruzados na educação dos grupos indígenas e na implantação de fazendas, em terras que eles tacitamente reconheciam e/ou admitiam não lhes pertencer de fato e por direito. Sabiam que, de fato elas pertenciam aos grupos indígenas[5] e, por direito, à Coroa Portuguesa.

> Embora anote, aqui, o ano de 1646 referindo-se à conquista, o que se deu nesse ano não foi ainda isso, porém, conforme escreve documentalmente em História da Casa da Torre, o descobrimento das aldeias dos índios Rodela ("o rio São Francisco lá em cima no sertão, onde chamam aldeias de Rodelas", que são muitas", diz a transcrição do papel, adiante). (...) Aliás, não foi nesse

[4] "O gado adentrou facilmente através dos leitos e dos vales dos rios, resultando (...) na construção de um novo espaço para a colonização, as *ribeiras*, ricas em vegetações propícias a sua alimentação, principalmente espécies coriáceas presentes nos descampados. Igualmente, as áreas de salinas e barreiros de sal, os lambedouros, auxiliaram na escolha do modelo empreendido pelos portugueses." (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2022, p. 203).

[5] "Devido à necessidade de proteína animal, as tribos indígenas que habitavam a região restringiram-se, principalmente, ao vale do Rio São Francisco e às margens dos grandes confluentes onde podiam pescar, pois desses povos nem todos os grupos eram horticultores. (...) Na Bahia, os maiores tributários do São Francisco, historicamente associados a tribos indígenas, são o Paramirim, o Rio Grande "do Sul", o Verde Pequeno, o Jacaré, o Salitre, o Riacho do Rio Comprido, e o Curuçá [ou Curaçá]." (HOHENTHAL, 1960, p. 37).

> ano de 1646 senão o requerimento da sesmaria, eis que, estando as terras já então "povoadas de gados", como aí se anotou, seu descobrimento se dera anteriormente. (...) Pouco antes, em 1639, um moço indígena que se fez célebre com o nome de Índio Rodelas, capitaneava duas centenas de seus irmãos, na luta contra o invasor holandês. (...) E ávido por terras como era [Garcia d'Ávila II], mais que os antepassados, disso trataram, amigavelmente, quando do descobrimento das aldeias do Rodelas. Aliás, está escrito em Serafim Leite, que o índio Rodelas "matara 80 holandeses, favorecendo um português que se lhe acolheu para o sertão". (FONSECA, 1996, p. 24).

Nos primeiros tempos, isto é, na década de 1640, à sombra da liderança e fama que Francisco Pereira Rodela conquistara na guerra contra os holandeses da Companhia das Índias Ocidentais, ocorreu, assim, a ocupação portuguesa do Vale do Rio São Francisco. Deu-se ela por força de entendimentos que se fizeram entre os representantes da Casa da Torre e os líderes indígenas locais. Nessas negociações, pelo artifício do bombardeio ideológico e proselitismo paternalista, os nativos tiveram participação ativa nas negociações que, sob seu ponto de vista, estava a trazer-lhes benefícios[6].

> Dizem o Capitão Garcia d'Ávila e o Padre Antônio Pereira que eles têm descoberto o Rio de São Francisco lá em cima no sertão, onde chamam aldeias de Rodelas, a qual terra descobriram eles suplicantes com muitos trabalhos que passaram de fomes e sedes, por ser todo aquele sertão falto de águas e mantimentos, abrindo novos caminhos por paragens onde nunca os houve e com muito risco de suas vidas e dispêndio de muita fazenda, resgates que deram ao gentio para o poder obrigar ao conhecimento e povoação das ditas terras em que despenderam mais de dois mil cruzados de fazendas e roupas com todas aquelas aldeias, que são muitas, e por meio das ditas dádivas os ditos índios como naturais e senhores das ditas terras, lhas entregaram e, como tais, as povoaram de gado. (FONSECA, 1996, p. 25).

Somente no dia 22 de abril de 1651, cinco anos depois de requerem-se as terras e dez anos de sua efetiva ocupação, o Governador Geral João Rodrigues de Vasconcelos e Souza concedeu a sesmaria solicitada. Estendia-se ela, das proximidades da Cachoeira de Paulo Afonso, a leste, até o Rio Salitre, a oeste; do Rio São Francisco, ao norte, ao Rio Real, ao sul[7].

> (...) hei por bem, e lhes faço em seu Real nome dar de sesmaria a terra que contém a sobredita Carta, que dela lhes havia passado, que é toda terra que

---

[6] "Foi fraco, entretanto, perceber-se, no sertão, o curso do sangue negro. Porque do pastoreio cuidaram o índio domesticado, o mestiço filho do homem branco com a índia abroquelados, no vazio dos sertões distantes e ermos, exilados do mundo agitado, distanciados da censura, pelos longos parênteses afogueados dos horizontes vazios e silenciosos." (BOAVENTURA, 1989, p. 76 *apud* VIEIRA FILHO, 2006, p. 38).

[7] "Quanto aos índios Rodelas, é certo que estes acolheram bem os descobridores e isso está perfeitamente entendido no requerimento de sesmaria transcrito no capítulo III: 'despenderam mais de dois mil cruzados de fazendas e roupas com todas aquelas aldeias'. (...) Quer dizer, com pequenas dádivas 'compraram' as terras e a boa vontade dos legítimos senhores e tudo a partir daí, correu tão bem, que os Rodelas estiveram presentes às guerras de matança da raça, ao lado do conquistador, mais de uma vez. Simples e ingênuos, deviam estar boquiabertos com a presença vistosa, encavalada e armada a fogo, da nova gente. A partir disso, pode-se dizer pacífica a convivência, ainda que na base do engodo. E também é justo dizer-se que a população indígena rodeleira conviveu desde os primeiros tempos com a população branco/mestiça em termos de explorado e explorador." (FONSECA, 1996, p. 61).

> se achar desde a primeira cachoeira, que o Rio São Francisco faz, por ele acima até ultrapassar a última aldeia dos Caririguaçu, com as ilhas, pontas, enseadas, pastos, matos e água, que a dita terra em si tiver, e da dita cachoeira para baixo até entestar com terras que estejam povoadas, e para a banda do sul, que é o limite da Capitania de Sergipe Del Rei toda a terra, que se achar até entestar com o termo desta da Bahia pelo termo que a divide no sertão, (...) dar em nome de Sua Majestade as terras nela contidas ao Capitão Garcia d'Ávila e ao Padre Antônio Pereira pelos respeitos acima declarados. Para Vossa Excelência ver. (ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA, 1651 *apud* FONSECA, 1996, p. 26-27).

Face à boa receptividade que, no Século XVI, tiveram os desbravadores em busca de minerais e, no Século XVII, os colonizadores da Casa da Torre, à ocupação de terras para criação de gado, mais do que em outras regiões do país, no Submédio São Francisco, gestou-se uma população essencialmente mestiça. Preservaram-se, destarte, muitos traços fisionômicos, bem como incontáveis e incontestes atributos culturais dos grupos autóctones que viviam nas ilhas e margens do caudal que se consagrou como Rio dos Currais.

> Além de trabalhos que exigiam força física, os nativos serviram de guias para os caçadores de pedras e metais preciosos, supostamente localizados nos sertões. As veredas desenvolvidas pelos autóctones foram fundamentais para o conhecimento, povoamento e posse do território. Depois de familiarizados com os catecúmenos, os portugueses viam, portanto, uma ótima oportunidade para usar seu poder como mecanismo de subjugação. (ARRAES, 2012, p. 52).

Em 1659, agregou-se nova sesmaria ao patrimônio da Família d'Ávila. O Padre Antônio Pereira, tio de Garcia d'Ávila, recebeu aquele latifúndio que tinha o Rio Salitre como referência[8]. Ele se estendia 20 léguas (120 km) rio acima, até a foz do Rio Bazuá, provavelmente, próximo à atual sede do município, relocada em 1977, quando se construiu a Barragem de Sobradinho.

> Em 1659, o Padre Antônio Pereira obtém sua sesmaria de 20 léguas ao Sul do S. Francisco, a começar no Rio Salitre, que se constitui como o ponto de partida das 20 léguas, dez para um lado e dez para o outro. Carta de 2 de janeiro de 1659, 20 léguas pelo Rio de São Francisco acima no sertão, da parte do sul, toda a terra da barra do Rio Salitre no lugar onde se mete o Rio São Francisco, que se tomará como peão, descendo pelo Rio de São Francisco abaixo até encontrar com a dada que lhe deu o capitão-mor Baltazar de Queiroz, que o concessionário tem povoado, e da barra do Salitre 20 léguas de terra pelo mesmo Rio de São Francisco acima, rumo direito ressalvando pontas, enseadas e ilhas que houver para cima e para baixo, mas do Rio de São Francisco para o lado do sul, a largura que houver na jurisdição desta capitania, até entestar com a Bahia rumo de leste a oeste, que divide uma da outra da nascença do Rio Real, para o sertão com outro ponto de comprimento acima e abaixo quando tiver pelo Rio de São Francisco inclusive dentro desta dada, a nascença do Rio Itapicuru, e as serras de Eigipe-Iba e Jacobina com

[8] "As terras doadas ao Padre Antônio Pereira já estavam efetivamente ocupadas por um seu escravo, também chamado Antônio, e há muito tempo radicado no sertão, provavelmente na própria região, pois conhecia a localização e a língua dos grupos nativos, além de saber os caminhos por onde transitar e [as] formas mais adequadas de sobrevivência nas matas sertanejas." (VIEIRA FILHO, 2006, p. 48).

> as mesmas que ficaram dentro desta dada, com todos os seus logradouros. (FREIRE, 1906, p. 29-30 *apud* FONSECA, 1996, p. 134).

Para catequisar os indígenas das aldeias do Sertão de Rodelas e capacitá-los à mineração, garimpo e vaqueirama, na segunda metade do Século XVII e primeira metade da centúria setecentista, no Vale do São Francisco, entre a Cachoeira de Paulo Afonso e o Riacho do Bazuá, implantaram-se 13 aldeamentos missioneiros franciscanos. Pelo vínculo dos evangelizadores com Maria, a mãe de Jesus, oito deles (61,54%) consagraram-se a Nossa Senhora. Citam-se: Nossa Senhora do Ó, na Ilha de Dzorobabé, em Itacuruba – PE; Nossa Senhora de Belém, na Ilha de Axará (das Missões), em Belém do São Francisco - PE; Nossa Senhora do Pilar, na Ilha Coripó, Nossa Senhora da Piedade, na Ilha de Inhanhum, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Várzea, na Ilha de Pambu, em Santa Maria da Boa Vista - PE; Nossa Senhora dos Remédios, na Ilha do Pontal, em Lagoa Grande – PE e Nossa Senhora das Grotas, em Juazeiro – BA.

> As missões 'foram criadas para facilitar o trabalho de conversão e, ao mesmo tempo, cooperar com o processo de colonização, através do fornecimento de mão de obra e pacificação dos nativos'. Nesse sentido, o critério para a escolha da aldeia, para sediar uma missão, era decidido pela que melhor correspondesse à expectativa de conversão. (CUNHA, 2013, p. 28; SILVA, 2003 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 55).

Adjacente à Grota do Corrente situavam-se as missões de Nossa Senhora dos Remédios, que no entardecer do Século XVII se havia fundado, e Nossa Senhora das Grotas que, em 1694, na Passagem do Juazeiro se instituíra.

2.2.1 Missão de Nossa Senhora dos Remédios

Pela historiografia oficial sabe-se que a Missão de Nossa Senhora dos Remédios ou Rainha dos Anjos, como a reconhece a população local, foi erigida por capuchinhos franceses, no final do Século XVII, com o intuito de catequisar os indígenas Tamaquiú (Tamanquim, Tamaqueú ou Tamoquim) e os Pontá. (HOHENTHAL JR, 1960, p. 56). Esse fato se comprova pela flor-de-lis, símbolo francês, que na igreja, em padrão original, conserva-se intacto. (SILVA, 2003, p. 255-256).

Aquela ipuã que se reconhecia como parte do território Pontá, aportuguesou-se como Ilha do Pontal. Situava-se na porção submédia do Vale do São Francisco, adjunto à sesmaria onde, em 1641, Garcia d'Ávila II e Padre Antônio Pereira iniciaram a implantação dos pioneiros currais de gado *vacum*. Por não se haver ainda fundado nela o reduto missioneiro capuchinho, eles próprios promoveram o processo *civilizatório* dos indígenas Tamoquim, com vistas a integrá-los à sociedade curraleira. É notório que aquele sacerdote, capelão da Casa da Torre, tinha especial devoção a Nossa Senhora, como se constata pela imagem ainda hoje conservada no altar mor da ermida edificada junto ao castelo, próximo à Praia do Forte, ao norte da cidade de Salvador.

Em 1659, dezoito anos depois que, com apoio do indígena Francisco Pereira Rodela, pela implantação de currais, desde a Cachoeira de Paulo Afonso até o Rio Salitre, se havia colonizado efetivamente a porção Submédia do Rio São Francisco, estendeu-se o latifúndio do Padre Antônio Pereira, 20 léguas em direção oeste. A seu escravo Antônio, indígena Tamoquim cristianizado na Ilha do Pontal, confiou o religioso sesmeiro a responsabilidade pela posse eficaz daquelas nativas plagas e o encargo de não permitir que outrem se autoproclamasse delas o senhor. Com ele migraram famílias de vaqueiros cristianizados, para fixar residência junto às corredeiras que, no final do mesmo século, passou a identificar-se como Cachoeira do Sobrado, em alusão à residência assobradada que, junto a ela, na margem esquerda do rio, o português de Mafra Domingos Afonso Sertão edificou.

Aos vaqueiros Tamoquim, como incentivo a não retornarem aos antigos rituais e costumes nativos, mormente vinculados ao encanto e livre **usufruto da lascívia**, o Padre Antônio Pereira confiou uma imagem da **Virgem da Conceição**, com a recomendação de porem-na na Grota do Corrente. (Fig. 3).

Do escravo nativo Antônio e dos destemidos nativos Tamoquim sabe-se terem impedido que bandeirantes paulistas ocupassem o território da Freguesia de São José da Barra de Sento Sé a que se integravam a Grota do Corrente e a Aldeia da Juacema onde se implantou o Sítio do Saco do Meio[9].

Figura 3 – Imagem da Virgem da Conceição dos Tamoquim



Fonte: Canal da Fé (2016)

2.2.2 Missão de Nossa Senhora das Grotas

Em 1694 o Arcebispo Dom João Franco de Oliveira implantou a missão dos franciscanos na Passagem de Juazeiro. Em 1706 aldearam-se nela indígenas de várias etnias entre as quais a dos Tamoquim, também referidos como Tamanquim, Tamaqueu ou Tamaquiú, de origem Cariri, e nativos Massacará,

[9] "Muitos Bandeirantes, tanto paulistas, como portugueses, chegaram no século XVII. Com a chegada dos bandeirantes por estas paragens começou a busca por ouro e outros metais preciosos." (LEMOS, 2013).

de raiz Tupinambá[10]. Quando, em 1710, nela se construiu a casa para residirem os franciscanos[11], aos missionários daquele aldeamento um índio vaqueiro Tamoquim levou a imagem de Nossa Senhora da Conceição que, em 1659, por ordem do Padre Antônio Pereira, na Grota do Corrente, os nativos vaqueiros egressos da Ilha do Pontal haviam posto. Fê-lo a contragosto, para obedecer a ordem de Garcia d'Ávila Pereira, membro da Casa da Torre que estava a manter amigáveis relações de amizade com os missionários franciscanos.

> Um descendente de Francisco d'Ávila tornou-se saliente na Bahia por seu amor à Religião e atos de beneficência. Dele falam com muita gratidão as crônicas da Ordem Franciscana, chegando a dizer Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão no *Novo Orbe Seraphico Brasilico* que os missionários, que andavam pelas suas fazendas do Rio de São Francisco, às aldeias e missões, fazia ele distribuir por dia uma rês de esmola, **além do afável e comum agasalho que em sua pessoa e casa achavam todos os religiosos que por aqueles distritos vagavam às esmolas e outros benefícios mais**. Tais qualidades e graças o fizeram irmão de Ordem em Congregação de 14 de agosto de 1706. (STUDART, 1902, p. 51-52).

A dita imagem passou, por isso, a ser recomendada como a Senhora protetora de todas as grotas adjacentes ao centro missioneiro onde os indígenas preservavam suas tradições e atributos culturais. Naqueles idílicos nichos ambientais e consagrados redutos culturais, eles mantinham, sobretudo, os milenares ritos em homenagem aos espíritos encantados. Por zelo à vida do filho de Maria da Conceição, o vaqueiro Tamoquim curvou-se à ordem que recebeu do coronel da Casa da Torre. Com reverência, a pé trasladou a imagem ao povoado de Saco do Meio e de lá, de barco, rio abaixo, à Missão da Passagem do Juazeiro onde a entregou aos cuidados dos franciscanos.

> Se o Deus Sacramentado fazia depender sua chegada a Juazeiro das palavras onipotentes dos cristóforos seráficos, Maria Santíssima escolheu como portador de sua devoção a um filho da terra sanfranciscana, o qual, anônimo representante de sua tribo, pastoreava o gado nas proximidades da aldeia e, certa feita, se sentiu atraído por forças estranhas até o interior de uma das numerosas grotas.
> (...) [Nela ele encontrou a imagem de Nossa Senhora] (...) Passado o primeiro susto, o catecúmeno Tamoquim inspira-se de confiança e, já de pé, aproxima-se da figura luminosa, para oscular reverente a peanha. Todo extasiado torna a interpelar a soberana senhora: "Quem vos trouxe para esta ermida, ó Virgem Celeste? Quanto tempo já faz que estais a sós com o divino menino? Quereis que vos leve à capela da aldeia?"

---

[10] "No ano da graça de 1956, a progressiva cidade de Juazeiro (Bahia) comemora seu jubileu eucarístico e mariano, completando 250 anos que naquelas paragens do Rio São Francisco se estabeleceram os índios Tamaquiús, ou Tamaquis, aldeados que foram pelos missionários franciscanos, figurando, desde então, Jesus Hóstia como centro da Aldeia e a Virgem das Grotas como Patrona de Juazeiro." (SÁ, 1956, p. 125).

[11] "Como para a construção de novos conventos era necessária licença especial do governo, requerendo um processo muito demorado, somente em 1710 chegou a ser levantado o hospício franciscano no local onde atualmente existe a artéria urbana vulgarmente conhecida como Entrada do Horto. Posteriormente deve ter sido mudado para a Rua 15 de Novembro, cujo nome antigo ainda continua na boca do povo." (WILLEKE, 1966, p. 96).

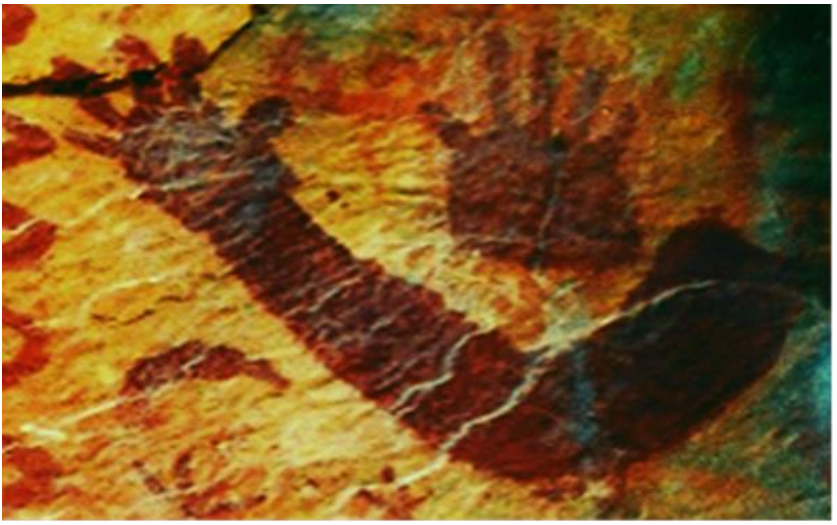
> Fixando um olhar interrogativo sobre o semblante todo bondade e doçura, da efígie o vaqueiro se impressiona tanto que aqueles traços lhe traduzem a resposta afirmativa: "Sim, meu filho, leva-me." E com reverência **abraça a linda estátua, transportando-a até a Missão de Juazeiro** (grifo nosso).
> Os missionários franciscanos que, desde sua chegada, em 1706, estavam indecisos sobre qual deveria ser o orago da capela, com o milagroso evento proclamaram a Senhora das Grotas padroeira da nova missão, celebrando a festa litúrgica, na Natividade de Maria Santíssima. (SÁ, 1956, p. 125-127).

2.3 Vínculo dos Tamoquim com a Senhora das Grotas

Por oportuno, lembra-se que, em transe no ritual do Toré, realizado no final do século XX, Adilina de Carvalho recebeu a mensagem de **José Ribeiro**, a informar ter sido ele o mandante de representar-se o braço identificado no Sítio São Gonçalo 9, também conhecido como Pedra dos Macacos. (Fig. 4).

Em pesquisa que se fez no primeiro livro de registro de batismos da Freguesia de São José da Barra de Sento Sé (BATSSÉ), celebrados no período de 1752 a 1783, encontraram-se certidões lavradas pelo Padre Manoel Álvares de Sousa, com referências ao Alferes Joaquim **José Ribeiro** Felisbel. Era ele um dos filhos do Capitão Mor Veríssimo Caetano Felisbel, então morador na sede daquela unidade religiosa, a 40 km de distância da Grota do Corrente. Em caráter preliminar e hipotético, atribuiu-se a ele a ordem de representar-se o braço cuja figura se preserva.

Figura 4 – Braço representado no Sítio São Gonçalo 9



Fonte: Kestering (2007, p. 83)

Prosseguiu-se o estudo, porém. Hoje pensa-se mais provável ter-se realizado a mando do **Alferes José Ribeiro de Oliveira**. Naquela época, há 261 anos, esse oficial de berço nativo morava em Jatobá, próximo à Fazenda das Pedras, na margem direita do Rio São Francisco, 22 km a noroeste da Grota do Corrente[12]. (Fig. 5).

Figura 5 – Distância entre a Fazenda do Jatobá e a Grota do Corrente



Fonte: Google Earth (2024), adaptado pelo autor

> *Aos vinte e oito dias do mês de maio de sessenta e quatro, nesta freguesia, batizei solenemente e pus os santos óleos à inocente **Angélica**, filha de pai incógnito e de **Isabel**, **escrava do Alferes José Ribeiro de Oliveira**, **morador no lugar do Jatobá** (grifo nosso). (...) Vigário Sousa. (BATSSÉ, 1764, p. 87, nº 436).*
> *Aos vinte e sete dias do mês de dezembro do ano de sessenta e seis, batizou o Reverendo Cura da Freguesia de Santo Antônio do Pilão Arcado José Caetano Viegas, na dita freguesia, solenemente, e pôs os santos óleos ao inocente **Antônio**, filho de **José Ribeiro de Oliveira** e de sua mulher Sebastiana de Torres, **moradores na Fazenda do Jatobá**., desta freguesia (grifo nosso). (...) Vigário Sousa. (BATSSÉ, 1766, p. 103, nº 503).*

Com fundamento nas revelações espirituais ou mnemônicas, ocorridas nos rituais de Toré que em São Gonçalo da Serra se realizavam, membros da família de Oliveira e de Carvalho reivindicam o direito à herança do patrimônio preservado naquela feição de relevo. Reclamam, outrossim, a aquiescência ao zelo do acervo rupestre em que constam os painéis históricos e pré-históricos que lá se identificaram. Em favor do aludido reclamo, a cuidarem daquele precioso legado, sabe-se pesar o auspicioso fato de a indígena Isabel, de etnia ainda ignota, ter sido escrava do dito militar de origem nativa Amoipirá e raiz Tupinambá[13].

---

[12] Na estrutura militar portuguesa transposta para a **América** e dividida em três forças, encontrava-se a função de alferes, oficial de baixa patente, acima dos sargentos. Era o cargo máximo a que, no período colonial, se aceitava integrarem-se os aspirantes **pardos** e **mulatos**. (ARQUIVO NACIONAL, 2021).

[13] "A escravidão foi um regime perverso que se sustentou no domínio de um ser sobre o outro, em condição de propriedade, onde o proprietário tinha plenos direitos sobre o corpo do 'bem'." (FIABANI, 2017, p. 29).

> É incontestável que, desde os primeiros anos de ocupação da América sertaneja, as escravas majoritariamente indígenas, eram exploradas pelas madames, nas atividades domésticas e na agricultura de subsistência e, concomitantemente, vilipendiadas pelos colonizadores, como amantes, concubinas, prostitutas ou meretrizes. Por isso, rotulavam-se a elas, discriminativa e pejorativamente, com o estigma de *negras,* escravas do pecado e servis nas fornicações. "A negra [da Terra e/ou da África] era para tudo: do eito ao leito". (CANSTATT, 1995, p. 114 *apud* FIABANI, 2017, p. 32 *apud* KESTERING, 2024a, p. 16-17).

Acresce-se a circunstância de, além da certidão da iluminada Adilina de Carvalho, nascida em 1938, no Cartório de Registro Civil do 2º Ofício de Juazeiro – BA, encontrarem-se os registros de sua irmã Maria, e de seu pai, o memorável vaqueiro Francisco José de Carvalho. Eles nasceram nos contíguos sítios do Saco do Meio e da Juacema. Naqueles documentos se constata vincularem-se eles à família de Oliveira, sucessores do militar Amoipirá que, no Século XVIII, habitava a Fazenda do Jatobá, a apenas 22 km de distância do lugar onde nasceram. (Fig. 6).

Figura 6 – Fazenda do Jatobá, Saco do Meio e Grota do Corrente



Fonte: Google Earth (2024), adaptado pelo autor

> *Certifico que, à folha 19 do livro 02, sob número de ordem 25, foi lavrado o assento do nascimento de* ***Maria de Carvalho****, do sexo feminino, nascida no dia 13 de agosto de mil novecentos e trinta, às quatro horas, em* ***Saco do Meio****, quarto distrito deste município, filha de* ***Francisco José de Carvalho*** *e de Dona* ***Theodora Maria de Carvalho****, sendo avós paternos,* ***Honório José de Carvalho*** *e dona* ***Maria de Oliveira****; avós maternos,* ***Feliciano José de Carvalho*** *e* ***Maria Antônia*** *(grifo nosso). O assento foi lavrado em 24 de abril de 1940(...) Vila do Junco, 07 de junho de 1986. Alberto Martins dos Santos. Oficial.*
>
> *Arthur Luís Ferreira, escrivão de paz deste quarto distrito do município de Juazeiro, na forma da lei, certifico que (...) aos vinte e dois dias do mês de janeiro de mil novecentos e quatro, no lugar* ***Lagoa****, quarto distrito de paz do Município de Juazeiro, Paróquia de Nossa Senhora das Grotas (...) Honório José de Carvalho (...) declarou que no lugar* ***Saco do Meio****, no dia primeiro de abril de mil novecentos e três, às sete horas, teve lugar o nascimento de uma*

*criança do sexo masculino a qual foi batizada com o nome de **Francisco [José de Carvalho]**, filho natural de **Maria Francisca de Oliveira Carvalho**, natural deste quarto distrito. São seus avós maternos, **Francisco José de Oliveira** e **Martinha Maria de Oliveira**, naturais e residentes neste município de Juazeiro (grifo nosso). (...) Tatauí, 15 de dezembro de 1917. Arthur Luís Ferreira. Escrivão de Paz. (CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DO 2º OFÍCIO DE JUAZEIRO – BA, 2024).*

Assim, sabe-se hoje que, pelo caminho existente entre o Sítio do Meio e a Grota do Corrente, com regularidade sazonal transitavam: Maria de carvalho, **sua irmã**, desde 1930, e Francisco José de Carvalho, **seu pai**, desde 1903. De acordo com registro de batismo que na Cúria da Diocese de Juazeiro se encontrou, sabe-se também que, por aquele mesmo trajeto e com similar assiduidade trilhava Maria Francisca de Oliveira Carvalho, **avó materna** das duas irmãs, desde 1891.

> Aos sete dias do mês de agosto de 1891, batizei solenemente, na Fazenda Saco do Meio, a **Maria** [Francisca de Oliveira Carvalho]**, parda, nascida a primeiro de junho deste ano, filha legítima de Francisco José de Carvalho e Josefa Maria de Jesus**, sendo padrinhos Leovigildo Ferreira Mesquita e Eugênia Brasileiro de Mesquita; e para constar, mandei lavrar este termo que assinei. Vigário Epifânio Simões de Paiva. (grifo nosso). (BANSEGRO, 1891).

2.4 Consistência Científica

Quando o grupo nativo Amoipirá, de Raiz Tupinambá, porque lhes tomaram as terras litorâneas da Bahia e do Sergipe, em caráter irrevogável migrou para o Submédio São Francisco, na bagagem de sua espiritualidade nativa trouxe os rituais a Janaína que, no sertão, também se reconhecia como Juacema. (Fig. 7).

> Reza a lenda de que Janaína fora filha de um poderoso cacique e de uma índia guerreira. Janaína se apaixonou por um homem branco que atracou junto com outros homens, perto da aldeia onde vivia a cabocla. Após algum tempo, Janaína engravidou do amado. Por viver um romance proibido, pois sua mão já era prometida a casamento para outro índio, Janaína fugiu ao pensar nas consequências que sua gravidez traria a ela e seu filho, assim ela tentou fugir, seguindo o navio do pai de sua criança e seu verdadeiro amor. Mas a jovem Janaína não teve forças para alcançar o barco, perdeu suas forças, se afogou e foi acolhida pelos braços de Mamãe Iemanjá que compadeceu de sua dor. Cabocla Janaína sempre traz muita paz, luz e leveza para seus médiuns. Trabalha pela caridade, não aceita injustiça, seja com seus médiuns quanto com aqueles que tem a sua proteção e gosta de espalhar sua sabedoria a quem está disposto a aprender e escutar. Vem na linha de Iemanjá ou Oxum. É uma entidade de fala mansa, amorosa, que transmite amor e confiança. Apesar de seu jeito carinhoso, ela também é muito enérgica quando necessário. É exigente com seus médiuns e não gosta de fazer rodeios quando precisa aconselhar, sendo assim direta em suas informações. Gosta de usar maracá. Velas azul claras e brancas. Suas oferendas são aceitas sob pano branco e

azul-claro. Em suas oferendas pode conter frutas, espelhos, pentes, perfumes de essência de alfazema ou essência de flores brancas ou azuis; rosas, lírios e mel. A entrega pode ser feita na mata ou na beira do rio. Ô Janaína, vem ver! Ô Janaína, vem cá, receber tuas flores que eu vim te ofertar… (TUMBLR, 2025).

Figura 7 – Imagem de Janaína



Fonte: Coleção Axé (2025)

De longas datas sabe-se que alguns atributos da Cabocla Janaína se identificavam com as virtudes de Nossa Senhora da Conceição, festejada no dia 8 de dezembro[14]. Na Fazenda Tatauí, onde se localizam os sítios de São Gonçalo e do Saco do Meio, preservou-se ao longo dos séculos a memória (saber ancestral) de que Janaína / Juacema teria se encantado, como divina e perene entidade protetora das águas.

Conta-se que, junto ao Serrote da Aldeia, onde hoje se acha a Vila São Francisco, ter-se-ia arrebatado aquela linda *kunhã* Amoipirá. Diz-se que, por sua incrível beleza, aguçava a libido dos guerreiros nativos, das muitas etnias que havia no Submédio São Francisco. Quando ela se banhava, na Cachoeira do Sobrado, foi o momento em que o sol, a vislumbrar seus sensuais contornos, por ela se apaixonou. De sua relação amorosa com o rei dos astros, nasceu Jurupari, astucioso *kurumim* que, na adolescência, assumiu a identidade *andirá* (morcego)[15]. Com seus parceiros quirópteros, ele formou destemido exército guerreiro, para proteger sua mãe Janaína / Juacema, a Cachoeira do Sobrado, o Rio São Francisco e todas as fontes de água das muitas grotas do Sertão Semiárido.

No lugar onde hoje vemos a Barragem de Sobradinho, era onde ficava a grande e sagrada Cachoeira do Sobrado. Quando adolescente, Jurupari, filho

[14] Além das virtudes comuns da realeza, proteção maternal, cuidado, carinho, segurança e gravidez misteriosa (milagrosa), as imagens de Janaína e Maria da Conceição apresentam-se com coroa, vestido azul e feições jovens.

[15] "Jurupari foi a maior divindade da pré-história indígena e seu grande legislador, também considerado mensageiro e herói-civilizador". (FACETAS CULTURAIS, 2022).

> de Juacema, incorporou-se em um grande morcego. Ele se escondia nas locas das pedras e protegia a grande Cachoeira do Sobrado e nosso Rio São Francisco. A construção da Barragem na Cachoeira de Sobradinho despertou em Jurupari um profundo sentimento de revolta. Enfurecido, ele faz chegar, por isso, fortes ventos, principalmente durante a florada do juazeiro, mês de aniversário de sua mãe Juacema. Não é à toa que nesse período, no Lago de Sobradinho, formam-se grandes ondas, seguidas de fortes rajadas de vento, principalmente no Porto de Juacema, colocando em risco os barqueiros desavisados. Velejadores de todo Brasil, porém, não temem a ira de Jurupari. Armados de bravura, desafiam-no todos os anos com seus barcos veleiros, em competições como a Copa Sobradinho de Vela. (MAIA, 2022).

Para representar Jurupari, a proteger Juacema, Janaína ou Maria da Conceição e a Grota do Corrente, pintou-se a ele, com espada em punho, e dois quirópteros auxiliares, em painel rupestre que ainda hoje, sobre o rústico e natural supedâneo, sem a imagem da santa se preserva. No contexto proto-histórico de colonização da Fazenda Tatauí, a espada simbolizava absoluto controle da situação, pela imposição da ordem religiosa e curraleira machista, subordinada à Coroa Portuguesa e à Casa da Torre. (Fig. 8). A efígie da santa, o vaqueiro Tamoquim "com reverência transportou até a Missão de Juazeiro". (SÁ, 1956, p. 174; Fig. 9).

> Jurupari é filho de uma virgem Tenuiana que comeu a fruta do Pücã sem notar que o sumo escorria por suas partes mais secretas. Nascido, desapareceu e sua mãe apenas o sentia à noite a sugar-lhe o seio, brincar derredor, mas sem que lhe pudesse ver a figura. Quinze anos depois apareceu. Era alto, forte e lindo. Elegeram-no tuixaua. A falta de homens dera a maioria às mulheres e estas governavam a tribo. Jurupari arrebatou-lhes o poder, restituindo-o aos homens. Vencedor das mulheres, Jurupari reuniu os homens e ensinou-lhes sua doutrina. Instituiu as festas e ritos iniciatórios, os "costumes do Sol". (BARBOSA TERCEIRO, 2019).

Secularmente repetiram-se, porém, naquele venerável lugar, os rituais devotados ao inesquecível encanto de Janaína / Nossa Senhora dos Tamoquim. Em agradecimento pelos favores alcançados, ofertavam-se ex-votos como fez o Alferes José Ribeiro de Oliveira que mandou representar seu braço, portador da enfermidade a que obteve a graça da cura, muitos anos depois de se haver retirado daquela bucólica ermida a imagem da santa milagreira. (Fig. 10).

Figura 8 – Jurupari a proteger a imagem (agora ausente) e a grota, ambas sagradas



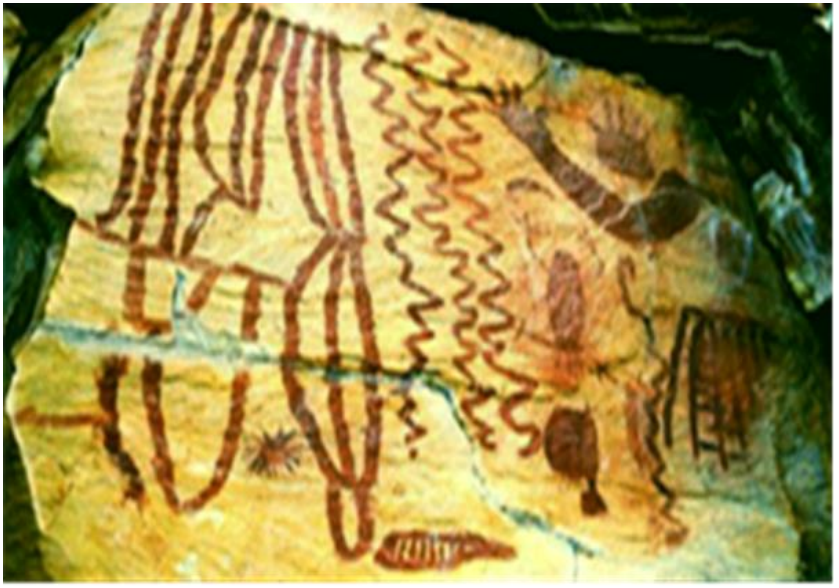
Fonte: Kestering (2014, p. 85), adaptada pelo autor

Figura 9 – O vaqueiro Tamoquim levou a imagem aos missionários franciscanos de Juazeiro



Fonte: TV Caatinga (2019)

Figura 10 – Painel rupestre, com ex-voto do Alferes José Ribeiro de Oliveira



Fonte: Kestering (2014, p. 84)

> É considerado ex-voto todo objeto oferecido pelo agraciado a uma entidade intercessora, como forma de pagamento de uma graça ou milagre atendido. Dessa maneira, cada objeto torna-se um símbolo, um testemunho de promessa contraída e realizada. Nessa acepção, o agraciado inicialmente faz um pedido a uma entidade intercessora de sua devoção. Pode ser às **Marias**, aos senhores, aos santos, às santas, sempre no intuito de se receber algum tipo de graça. Os pedidos podem ser feitos em um ato mental ou por escrito. Podem estar vinculados a questões de saúde, bem como para o atendimento de metas pessoais, tais como aprovação em concursos, formaturas, conseguir a habilitação de trânsito, arrumar emprego, um bom casamento e inúmeras outras solicitações das mais diversas naturezas. Os ex-votos são representações objetificadas da fé católica popular. Podem ser materializados em diferentes linguagens visuais: escultura, **pintura**, desenho, fotografia ou objeto. (...) Nelas veem-se esculpidos, modelados, o corpo humano, inteiro ou fragmentado (cabeça, **mãos**, pés, pernas, **braços**) e também os órgãos internos, tais como: fígado, coração, garganta, útero, pulmões, esôfago (grifos nossos). (DUARTE, 2011, p. 123-124).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em toda região Nordeste do Brasil, onde se preserva a cultura mestiça, decorrente do sincretismo da espiritualidade indígena com a religião de origem europeia, persiste o costume de se oferecerem ex-votos, em agradecimento

por graças que se alcançam. Para exemplificar, citam-se: A Cova da Tia, no Sudeste do Piauí e o Museu Vivo de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, no Ceará.

Lembra-se, sobretudo, que os capitães, sargentos e alferes (atuais subtenentes), como se evidenciava com o oficial José Ribeiro de Oliveira, tinham a função de apagar a memória ancestral, a espiritualidade ou identidade indígena, para impor a cultura ou civilização europeia machista. As indígenas, como era o caso da escrava Angélica, provável ancestral de Adilina de Carvalho, tinham que portar-se com civilidade, manifesta no reconhecimento das ordens e dos feitos dos mandantes, autênticos representantes da Coroa portuguesa.

> Memória não é simplesmente lembrança de algo ou de algum lugar, mas constitui-se como um fenômeno social, que se produz em contexto de relações sociais que são também **relações de poder** (grifo nosso), contribuindo, assim, para as representações e ações que dão sentido à vida das pessoas e dos lugares. Produzem identidades. (MORAES, 2000, p. 31 *apud* LIMA, 2004, p. 29).

Pesa em favor da proposição de que os painéis rupestres em análise foram realizados no período histórico, a mando de capitães ou alferes do Brasil Colônia, e revelados em transes ocorridos nos rituais do Toré do Século XX, a espada ou punhal representado onde se achava a imagem da santa. Ele simboliza prestígio e/ou poder. No campo da simbologia, também se configura como falo ereto. É prova material de que a Cristandade colonialista que dava sustentação ideológica à virilidade, ao machismo, ao poder dos homens e à escravização das mulheres, implantou-se às custas do menosprezo à espiritualidade nativa cujos frutos materializavam-se na existência do benfazejo paraíso terreal.

No painel vizinho do mesmo sítio arqueológico, identifica-se a figura antropomorfa, com falo exageradamente enfático, desproporcional aos demais membros do corpo, a confirmar a veracidade do que pela psicanálise se explica. (Fig. 11). Em outros painéis rupestres do Submédio São Francisco se constata também que a pura arte pré-histórica a enfatizar a sensualidade feminina cedeu lugar à pornografia histórica, machista e colonialista. (Fig. 12 a 14). O registro rupestre passou a evidenciar o culto ao machismo europeu que, em concomitância, nos centros urbanos apresentava-se em formato de altas torres e/ou monumentais obeliscos que fartamente se edificavam. (Fig. 15 e 16).

> Nas culturas ancestrais, a fertilidade sempre esteve mais ligada ao sexo feminino. De uma forma geral, as mulheres eram centrais nessas sociedades, entre tantas outras coisas, porque possuíam o dom de gerar uma vida.
>
> Contudo, principalmente com o advento do monoteísmo, houve uma ruptura com as divindades femininas e o masculino se tornou o único a ser venerado. A história foi demasiadamente invertida, e o dom da vida passou a ser posse

dos homens, já que, “sem os espermatozoides, não poderia haver concepção”. (SABINO, 2020).

Figura 11 – Falo exageradamente enfático



Fonte: Kestering (2007, p. 80 *apud* Kestering, 2025, p. 194)

Figura 12 – Ênfase à sensualidade feminina no Sítio Manezinho 3, em Sento Sé

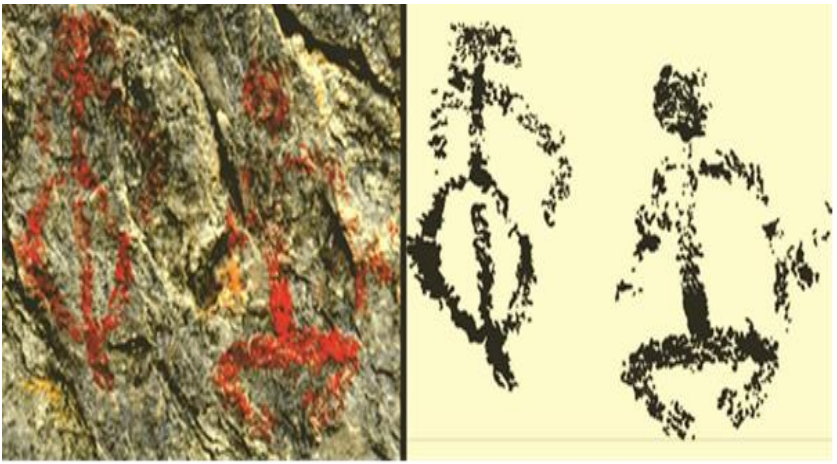


Foto: Kestering; Silva (2024, p. 42 *apud* Kestering, 2025, p. 92)

Figura 13 – Ênfase ao machismo no Boqueirão das Caraíbas, em Sento Sé



Fonte: Kestering (2014, p. 172 *apud* Kestering, 2025, p. 195)

Figura 14 – Ênfase à pornografia no Boqueirão da Bananeira, em Sento Sé



Fonte: Acervo fotográfico do autor (2014 *apud* Kestering, 2025, p. 195)

Figura 15 – Torre Eiffel



Fonte: Guitarrara (2024 *apud* Kestering, 2025, p. 196)

Figura 16 – Obelisco de Buenos Aires coberto por preservativo gigante



Fonte: Funny Times (2024 *apud* Kestering, 2025, p. 196)

Um exemplo de símbolo fálico a representar o poder masculino, com prestígio exacerbado sobre o das mulheres cujo lugar social impunha-se a escravidão

e/ou serviço, é o famoso obelisco da praça de São Pedro, no Vaticano. Diz-se que ele marca o exato lugar em que se martirizou São Pedro. Representa, contudo, a alegoria de que a religião da Cristandade ou do Padroado se enquadrava nos meandros da religiosidade fálica, ou seja, na crença em um Deus tipicamente masculino e centralizador. (RODRIGUES, 2012, p. 21 *apud* RODRIGUES; GOULART, 2021, p. 62; Fig. 17).

Figura 17 – Obelisco da Praça de São Pedro, em Roma



Fonte: Mundo Vasto Mundo (2024 *apud* Kestering, 2025, p. 197)

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL. **Alferes**. 2021. Disponível em: https://historialuso.arquivonacional.gov.br. Acesso: 18 mai 2025.

ARRAES, Damião Esdras Araújo. **Curral de reses, Curral de almas: urbanização do sertão nordestino entre os séculos XVII e XIX**. 2012. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.academia.edu. Acesso: 18 mai 2025.

_____. **Ecos de um suposto silêncio: paisagem e urbanização dos "certoens" do Norte, c.1666-1820**. 2017. (Tese de Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.academia.edu. Acesso: 18 mai 2025.

BARBOSA TERCEIRO, José Gil. **Jurupari: Mito Indígena com ocorrência no Piauí**. 2019. Disponível em: https://causosassustadoresdopiaui.wordpress.com. Acesso: 19 mai 2025.

BATISMOS DA FREGUESIA DE SÃO JOSÉ DA BARRA DE SENTO SÉ (BATSSÉ), de 1752 a 1783. Disponíveis na Cúria da Diocese de Juazeiro – BA. 2024.

BATISMOS DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DAS GROTAS (BANSEGRO, 1891-1896). Cúria da Diocese de Juazeiro – BA, 2024.

BLOG AMBIENTAL CAMPO FORMOSO. **O Processo de Povoamento e "Civilização" do Município de Campo Formoso**. 2013. Disponível em: https://ambientalcampoformso.blogspot.com. Acesso: 18 mai 2025.

CANAL DA FÉ. **Nossa Senhora das Grotas**. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com. Acesso: 18 mai 2025.

CANCELA, Francisco Eduardo Torres. **De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga capitania de Porto Seguro (1763-1808)**. 2012. (Tese de Doutoramento). Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador – BA: UFBA, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu. Acesso: 18 mai 2025.

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DO 2º OFÍCIO DE JUAZEIRO – BA, 2024.

CAVIGNAC, Julie Antoinette. **A Etnicidade Encoberta: índios e negros no Rio Grande do Norte**. Mneme: Revista de Humanidades, Caicó, v. 4, n.8, p. 1-79, 2003. Disponível em: https://respositório.ufrn.br. Acesso: 18 mai 2025.

COLEÇÃO AXÉ. **Janaína**. 2025. Disponível em: https://www.cimaartesorixas.com.br. Acesso: 19 mai 2025.

DUARTE, Ana Helena da Silva Delfino. **Ex-votos e *Poiesis*: representações simbólicas na fé e na arte**. 2011. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2011. Disponível em: https://tede2.pucsp.br. Acesso: 20 mai 2025.

FACETAS CULTURAIS. **Jurupari, o mito que abalou a Igreja**. 2022. Disponível em: https://facetasculturais.com.br. Acesso: 19 mai 2025.

FIABANI, Adelmir. **A Escravidão no Brasil Vista Pelos Estrangeiros: Daniel Parish Kidder, Luís Agassiz, Elizabeth Cary Agassiz e Oscar Canstatt**. Contra Relatos desde el Sur, p. 23-37, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/User. Acesso: 19 mai 2025.

FONSECA, João Justiniano da. **Rodelas: curraleiros, índios e missionários**. Salvador – BA: Edições Gráficas, 1996.

GOOGLE EARTH. US Dept of State Geographer. Image Landsat / Copernicus. 2024.

HOHENTHAL JR, William D. **As Tribos Indígenas do Médio e Baixo São Francisco**. Revista do Museu Paulista. Biblioteca Digital Curt Nimuendaju. Coleção Nicolai, 1960. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com. Acesso: 18 mai 2025.

KESTERING, Celito. **Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho - BA**. (2001). (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2001.

_____. **Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho – BA**. 2007. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2007.

_____. **Patrimônio Arqueológico de Sento Sé – BA**. São Raimundo Nonato, PI: UNIVASF, 2014.

_____. O Castelo de Garcia d'Ávila. *In*: KESTERING, Celito. (Org). **Anais de IV Exposição – III Ciclo de Palestras do Projeto Escavando História: São Raimundo Nonato Além dos Cem Anos**. Grupo PET-Arqueologia, p. 9-32. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2015.

_____. **Encanto Bugre-Tapuia**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2024.

_____. **Saber Ancestral**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2025.

LEMOS, Doracy Araújo. **Jacobina: sua história e sua gente**. Jacobina: Rabisco. 2 ed, 2013. Disponível em: https://jacobina.ba.gov.br. Acesso: 18 mai 2025.

LIMA, Aurilene Rodrigues de. **Memória dos Lameiros do Velho Chico: história da população transplantada para Quixaba, Sento Se – BA**. 2004. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE. 2004.

MAIA, Cristiano. **A Lenda de Jurupari, Filho de Juacema**. 2022. Disponível em: https://www.tiktok.com. Acesso: 19 mai 2025.

OLIVEIRA, Jéssica Rafaella de. **Os habitantes do rio e as missões religiosas no sertão pernambucano: uma arqueologia da paisagem fluvial do Rio São Francisco – Orocó**. 2016. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Arqueologia do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras: UFSE, 2016.

OLIVEIRA, Tiago Kramer de; OLIVEIRA, Antônio José Alves de. Capitalismo e Natureza no Brasil Colonial: a pecuária bovina no Ceará e a continentalidade do jogo das trocas (ca. 1680-1750. *In*: **História Ambiental do Capitalismo no Mundo Colonial, séc. XV a XIX, p. 198-2019**, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu. Acesso: 18 mai 2025.

RODRIGUEZ, Shay de los Santos; GOULART, Fábio Ortiz. **O Falo nos Espaços Públicos de Rio Grande, RS, Brasil: falocentrismo e a masculinidade hegemônica**. Revista de Arqueologia. V. 34, nº 1, Jan/Abr, p. 45-70, 2021. Disponível em: https://www.google.com. Acesso: 20 mai 2025.

SÁ, José Maria de. **A Senhora das Grotas**. Suplemento do Santuário de Aparecida, 1956. Disponível na Cúria da Diocese de Juazeiro – BA.

SILVA, Jacionira Coelho. **Arqueologia no Médio São Francisco: Indígenas vaqueiros e missionários**. 3003. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2003.

STUDART, Barão de. **O Padre Martin de Nantes e o Cel. Dias d'Ávila**. Revista Trimensal do Instituto do Ceará, p. 37-52, 1902. Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br. Acesso: 18 mai 2025.

TUMBLR. **Janaína**. 2025. Disponível em: https://www.tumblr.com. Acesso: 19 mai 2025.

TV CAATINGA. **Imagem de Nossa Senhora das Grotas**. Memória Sertão. Petrolina – PE: UNIVASF, 2019. Disponível em: https://portais.univasf.edu.br. Acesso: 20 mai 2025.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. **Os Negros em Jacobina (Bahia) no Século XIX**. 2006. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2006. Disponível em: https://sapientia.pucsp.br. Acesso: 02 jan 2024.

WILLEKE, Frei Venâncio. O.F.M. **As Nossas Missões entre os Índios**. Recife: Convento de Santo Antônio. 1966. Disponível na Cúria da Diocese de Juazeiro – BA.